

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, NOVEMBRO/2013 - ANO XVI - Nº 202

Foto Laurentino Gonçalves Dias Jr.

EDITORIAL

As frequentes denúncias de corrupção observadas nas diferentes instâncias dos Três Poderes levou a população à indignação. Diante da violação de valores fundamentais para a sociedade, ela se mobilizou e foi às ruas em grandes manifestações durante o mês de junho. A principal bandeira da mobilização foi o combate à corrupção e a ética no serviço público.

A principal causa da corrupção no país é a ambição desmedida por riquezas e poder. A corrupção e a impunidade estão levando o povo ao descrédito na ação política nas instituições, enfraquecendo a democracia. A atual crise, decorrente da falta de consciência moral, é estimulada pela ganância e marcada pelo corporativismo histórico que utiliza as estruturas do poder para benefício próprio e de grupos. Os principais prejudicados com o desvio de verbas públicas são as camadas mais pobres da sociedade. Frente a esses descabimentos, os poderes constituídos precisam assumir sua responsabilidade diante da corrupção e da impunidade. É preciso mudar a maneira de se fazer política e acompanhar de perto os trabalhos desenvolvidos nas diferentes esferas do poder. A população precisa estar atenta aos que usam da política para se perpetuar no cargo. Mudam de partidos como se troca de roupas, e trabalham sempre com os olhos às próximas eleições. Falta nos políticos compromisso com o eleitor.

Neste momento obscuro da vida pública, uma luz se acende e enche de esperanças as pessoas de bem: a prisão decretada pelo STF dos réus condenados no escândalo do mensalão – uma ousada operação clandestina de uso de dinheiro público e privado com o objetivo de perpetuação de uma facção no poder que foi marco na República Brasileira. O desfecho do escândalo do mensalão, com a ida dos réus para a prisão, é uma conquista da sociedade. A corrupção vinha vencendo todas as disputas com a ética, com a decência e com a justiça.

As prisões do dia 15 de novembro são de significado importante. Resgatam a dignidade e a esperança na justiça brasileira. O povo precisa recuperar a credibilidade e a legitimidade de nossas instituições. O STF fez justiça e mostrou que ela é para todos.



A observação de aves é uma modalidade de turismo que atrai estrangeiros ao Brasil, ajuda na geração de empregos, aumenta a demanda por serviços e – o melhor – pode ser setor de empreendedorismo sustentável para nossas florestas.

Observar aves: lazer saudável e ecológico

São poucos os que se dão conta da fantástica diversidade de aves que podem ser observadas em nosso município. Muitas vezes, as pessoas estão tão atarefadas com problemas do cotidiano, que deixam de apreciar a beleza, as cores e o canto dos pássaros.

Os moradores de Piquete em relação aos de outros municípios são privilegiados por preservarem junto à área urbana significativos fragmentos de Mata Atlântica. Esta floresta com sua biodiversidade serve de abrigo para inúmeras espécies de aves. Enquanto moradores de grandes cidades sonham em morar próximo a alguma reserva florestal e acordar com o canto dos pássaros, os piquetenses mantêm um contato diário com a natureza, de maneira que a avifauna da região se encontra muito mais próxima deles do que imaginam.

Com mais de 1.600 espécies registradas em seu vasto território, o Brasil é o segundo país do mundo em diversidade de aves, ficando atrás somente da Colômbia. Essa diversidade espalha-se por todos os biomas que abrigam uma quantidade significativa de espécies endêmicas, ou seja, que são encontradas apenas nesses tipos específicos de ambientes.

Em Piquete, por estar localizado na região de domínio do bioma Mata Atlântica, podem ser contempladas espécies únicas no mundo. Embora o hábito de se observar aves

em seu ambiente natural seja ainda incipiente no Brasil, vem ganhando adeptos. Essa atividade pode ser praticada tanto em reservas ambientais como nas cidades. É simples, fascinante e vem aos poucos conquistando simpatizantes. Existem alguns grupos que se dedicam a essa atividade. Ramo do turismo ecológico, esse é um hobby muito difundido em outros países, especialmente na América do Norte e na Europa. Além de ser uma atividade relaxante, é relativamente barata – para tanto, basta um binóculo e disposição para encontrá-las. Além dos brasileiros, esta modalidade de turismo atrai estrangeiros ao país, ajuda na geração de empregos, aumenta a demanda por serviços e, o melhor, pode ser setor de empreendedorismo sustentável para nossas florestas. Observadores amadores de aves podem contribuir para a preservação do meio ambiente e para um melhor conhecimento de vários aspectos da vida das aves.

Outra atividade pouco difundida realizada tanto por amadores quanto por profissionais, e com uma importância crescente, é a fotografia de aves na natureza. Além de servir muitas vezes como documentação da presença de determinada espécie em uma área, a fotografia tem a propriedade de eternizar momentos da biologia das aves que, às vezes, são conhecidas apenas em frias descrições da literatura especializada.

Imagem - Memória

Fotos Arquivo Pró-Memória



Foto tirada por ocasião da Festa de São José, em 19 de março de 1909. Ao centro, o padre João Crippa com o coronel José Mariano Ribeiro da Silva (1º à direita), seu filho, Major Carlos Ribeiro (1º à esquerda, sentado), a filha Maria Euphrásia Couto (à direita) e a neta Lili Couto (4ª a partir da direita).

Sociedade de São José – Religião e Pátria

Em recente consulta ao arquivo da Arquidiocese de São Paulo, deparamos com um interessante documento enviado de Lorena pelo padre salesiano João José Crippa ao bispo diocesano, em São Paulo, datado de 1º de novembro de 1908. Nele está descrita a situação em que se encontrava a paróquia de São Miguel do Piquete, quando Pe. Crippa assumiu sua administração naquele ano.

A criação da Paróquia de São Miguel ocorreu em outubro de 1888 e seu primeiro padre tomou posse logo em 1º de novembro. Padre Francisco Filippo foi recebido com grande entusiasmo e festas. Trabalhou muito, mas, infelizmente, por motivos vários, foi-se embora em abril de 1890, para Machado/MG levando, como deixou registrado no Livro do Tombo da igreja de São Miguel do Piquete, “as saudades dos seus paroquianos”.

Por essa época, havia, por toda a diocese de São Paulo, grande carência de padres. Eram muitas as paróquias que se encontravam desassistidas espiritualmente. Para os paroquianos de São Miguel, a situação só não ficou pior devido à instalação do Colégio São Joaquim, em Lorena, em 1890. A partir de então, os moradores de Piquete passaram a conviver com os filhos de Dom Bosco, que, esporadicamente, se revezavam para celebrar na igreja matriz.

No ano de 1903, a Paróquia de São Miguel foi cuidada, por curto período, pelo padre João Crippa. Carismático e dinâmico, como todo salesiano, ganhou a admiração e o respeito de todos. Em 1908, retornou e encontrou novo cenário: devido à Fábrica de Pólvora havia, segundo ele, no Piquete, “toda casta de gente e no povo uma indiferença medonha em matéria de religião”. “Para

evitar tanto mal”, padre João Crippa organizou de imediato as aulas de religião para meninos e meninas, dando pontos em todos os atos religiosos para os que participavam e fazendo rifas, como costume nas casas salesianas. O êxito não poderia ter sido maior – mais ou menos umas duzentas crianças passaram a frequentar as atividades da Igreja. Uniu os homens de boa vontade formando a Sociedade de São José – Religião e Pátria, cujos fins eram religiosos, morais e sociais, de maneira que, ainda naquele ano, já contava com cerca de 260 sócios e as intrigas políticas locais desapareceram – todos trabalhavam com um único fim: o bem-estar local. Várias uniões ilícitas, por obra dessa Sociedade, foram legitimadas. Para as senhoras, reanimou o Apostolado da Oração e instalou a bememérita Associação de Nossa Senhora Maria Auxiliadora, que passou a ministrar as aulas de religião para as meninas, enquanto os irmãos de São José o faziam para os meninos. Para que os meninos perseverassem na prática da religião, organizou a Companhia de São Luiz de Gonzaga e com eles formou uma banda de música. O documento do padre João Crippa registra, ainda, que a paróquia era pobre – não tinha casa paroquial nem patrimônio. Vivia de poucos recursos provenientes do aluguel de um terreno doado pelo coronel José Mariano Ribeiro da Silva e o vigário não podia se sustentar com casa alugada. Ressalta, porém, que, se tivesse um padre no lugar, “poderia render mais”. Padre João Crippa salienta ao bispo diocesano que “se este, durante o retiro, achasse algum padre que não precisasse de meios e procurasse bom clima, seria o caso de confiar-lhe a paróquia do Piquete, pois, estando o padre constantemente

te presente, poderia atender aos enterros e outros serviços”. Sugeriu que fosse nomeado um zelador ou fabriqueiro para a matriz e, em caso afirmativo, propôs para a função o major Carlos Ribeiro da Silva, presidente da Sociedade de São José, de maneira que a matriz passaria a ter quem olhasse por ela. Naquele 1908, a paróquia do Embaú estava anexada à de Piquete. Padre João Crippa argumenta que “isso não era conveniente, pela distância de três léguas e meia e também que, quando o tempo era ruim, os caminhos se tornavam intransitáveis”. Concluiu o documento dizendo que “se o bispo não tivesse padre para mandar para o Piquete, continuaria a atender os paroquianos, visto ter a comodidade de trem todos os dias – o que não acontecia com o Embaú – e pedindo as bênçãos sobre as associações católicas instaladas, cujo fim era tornar os homens práticos com a frequência dos sacramentos e que, com trabalho, caridade e abnegação tudo se conseguiria”.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204

Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Sylvio Theodoro

Quando das comemorações do 77º aniversário de Piquete, em 15 de junho de 1968, a população foi surpreendida durante o desfile cívico por um batalhão de guardas mirins, recém criado na cidade. A novidade era fruto do trabalho e dedicação de homens de visão, preocupados com os problemas dos jovens no município, sua formação e inserção no mercado de trabalho. A guarda mirim surgiu após a administração do prefeito Christiano Rosa ter admitido adolescentes para executar determinadas tarefas na Prefeitura. A ideia foi copiada pela FPV, que ocupou outros adolescentes em atividades externas. Visando as ampliar as oportunidades para outros jovens do município, a Sociedade Amigos de Piquete (SAP) criou a Guarda Mirim. Houve uma seleção de jovens entre 12 e 16 anos e coube à Polícia Militar o trabalho de preparar esses adolescentes. O comandante do destacamento policial da época era o sargento José Carlos da Luz, que indicou para instrutor o cabo Sylvio Theodoro, que recebeu treinamento especial para a função, em São Paulo.

Os guardas mirins recebiam em sua sede, à rua do Piquete, instrução intelectual, cívica, moral e religiosa. Auxiliavam no serviço interno de trânsito e orientavam motoristas e pedestres.

Para os guardinhas, o cabo Sylvio era a maior referência. Jovem, entusiasmado, zeloso e amigo dos meninos, acompanhava-os nos desfiles e em outras atividades. Natural de Piquete, Sylvio Theodoro nasceu em 3 de março de 1938. É um dos oito filhos do casal Manoel Theodoro e Maria da Silva Theodoro. Passou sua infância na Vila Barrão, na rua São Benedito, onde residia a família. Guarda boas lembranças da época.

Sylvio foi matriculado no Grupo Escolar Antônio João. “Meus diretores foram os professores Murilo e Carlos Ramos. Fui alfabetizado pela professora Alice”, conta.

Adolescente, cursou o supletivo, tendo sido aluno das professoras Mirthes Chaves e Marlene Machado. Cursou, mais tarde, o



Ginásio noturno da FPV. Após o serviço militar, trabalhou na agência de ônibus Pássaro Marrom, junto ao Hotel Brasil, na Praça da Bandeira. Em 1963, foi aprovado para a Polícia Militar. O curso preparatório foi feito em Taubaté. Veio trabalhar em Piquete. O destacamento era composto por oito militares, sob o comando do Sargento Luz. “A cidade era tranquila e pacata. Todos se conheciam... Não havia problemas de violência decorrentes do consumo e tráfico de drogas, como nos dias de hoje... Havia poucos casos de ‘desinteligência’ por embriaguez”, destaca Sylvio. Em 1973, a seu pedido, Sylvio Theodoro foi transferido para a Polícia Florestal, tendo passado pelos destacamentos de Guaratinguetá e Cruzeiro. “Realizei-me como policial florestal. Gostava muito de minhas atividades. Éramos poucos para atender uma grande região e, portanto, tínhamos muito trabalho”, conta, orgulhoso. Sylvio atuava contra o desmatamento e na fiscalização da caça e da pesca, além do trabalho preventivo e de combate a incêndios.

Sylvio Theodoro casou-se com Eneida Leite Dionísio Theodoro em 17 de dezembro de 1962. Tem dois filhos e um casal de netos. Aposentado desde 1984, como subtenente da Polícia Florestal, gosta de ver os ex-guardinhas em posições de destaque na sociedade. “É um trabalho de que muito me orgulho, pois deu bons frutos... Precisávamos de mais iniciativas como essa”.

Que o Brasil possa mostra sua cara!

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Minha confiança no Brasil definha lenta e progressivamente. No mês em que políticos e banqueiros foram presos no Brasil, um tênue ponto de luz pareceu-me alumiá-lo o futuro dos brasileiros... Que nada! São faíscas que não se mantêm ativas e muito menos têm forças para iniciar uma tocha brilhante.

A conclusão da Ação 470, mais conhecida como “Mensalão”, seria uma redenção para os brasileiros que anseiam por Justiça. A alegação de “falta de provas” por parte dos partidários dos condenados é óbvia, assim como o é a negação da existência da compra de votos pelos réus. Não foi o que julgou o colegiado do STF...

Bem... A inédita condenação e prisão de “colarinhos brancos” provocou-nos um misto de surpresa e sensação de desforra. No entanto, ainda é gritante a inversão de valores. No momento em que este texto está sendo escrito, o Brasil conta com dois deputados condenados e presos. É um descabimento e mostra que não há seriedade, mas um corporativismo venal e interesseiro que mantém bandidos – um condenado é um bandido, queiram ou não – no colegiado responsável pela condução de mais de 190 milhões de brasileiros. O Brasil partidário aplaude presos bradando sua inocência, reivindicando para si a condição de preso político... É o mesmo Brasil que afirma normal a existência de caixas-dois em campanhas... É o mesmo Brasil que diz desconhecer desvios claros de milhões de dinheiros em obras inacabadas e/ou superfaturadas... É o mesmo Brasil que cobra “condições dignas” para seus graúdos condenados... Nesse último caso, por que se preocupar de forma especial com as condições em que ficarão presos os bandidos do mensalão? Descobriram agora o inferno que são nossas prisões? Pois os “mensaleiros” merecem as mesmas condições de todos os demais bandidos brasileiros, algemas inclusive, como banho frio e refeições “incomíveis”. Se há o que melhorar, que se estendam as melhorias e os direitos a todos os detentos deste país. Afinal, bandido é bandido, não importa o grau – e eles são bandidos perigosos, que corroem a democracia, que matam nos hospitais sem leitos, que estupram em ruas inseguras, que condenam à miséria quem não recebe uma educação de qualidade.

O “mensalão” não é o único caso de corrupção no país, nem o PT é o bastião da corrupção. A concorrência é grande e envolve a maior parte dos partidos e políticos deste país. O mensalão é parte pequena da podridão que consome a riqueza de nosso país, que corrói a esperança em um Brasil melhor, mais igualitário.

Vergonhosa é a situação em que se encontra o Brasil em termos de política. Não mais acredito que verei mudanças. Torço – teimoso que sou – para que futuras gerações possam se orgulhar de um país honesto, digno de ser considerado nossa pátria, uma pátria governada e povoada por cidadãos do bem, que possam mostrar, sem vergonha, sua cara.



O Barão da Bocaina

Francisco de Paula Vicente de Azevedo
8/10/1856 – 17/10/1938

Neto de Joaquim José Moreira Lima e da Viscondessa de Castro Lima, foi personagem proeminente da história de Piquete. O Barão da Bocaina foi um dos titulares do Império no Vale do Paraíba. Adentrou o período republicano com o título nobiliárquico que lhe manteve os privilégios de classe. Mostrou-se um titular da nobreza progressista.

Levantar os dados históricos dos fundadores de nosso município é encontrar os da pessoa do Barão, cuja presença, atos e interpretações em nossa política delinearão os eventos que se sucederam para marcar nossa paisagem e nossas tradições, de referências marcantes no Vale do Paraíba.

O Barão era filho do coronel José Vicente de Azevedo (coronel da Guarda Nacional no período do Império) e de dona Angelina Moreira de Castro Lima, descendente dos capitães-mores Manoel Domingos Salgueiro e de seu filho Manoel Pereira de Castro, respectivamente avô e pai de Carlota Leopoldina, viscondessa de Castro Lima, casada com o abastado comerciante português José Joaquim Moreira Lima. Francisco de Paula Vicente de Azevedo, futuro Barão da Bocaina, dirigiu-se a São Paulo aos 13 anos de idade, onde se formou em Direito.

Nomeado Coletor de Rendas Gerais de Lorena em 1876, dedicou-se à política, à indústria e ao comércio. Registros dados por José Luiz Pasin em “Os Barões do Café – Titulares do Império no Vale do Paraíba Paulista” (edição da Vale Livros, Aparecida, 2001 – p. 61 e segs). Segundo o pesquisador citado, em 1880, Francisco de Paula Vicente de Azevedo assumiu o cargo de chefe do Partido Conservador em Lorena, tendo sido eleito vereador e depois presidente da Câmara até a Proclamação da República. Consta pelos registros que ele foi fazendeiro nos municípios de Piquete, Lorena, Guaratinguetá, Cunha, Pindamonhangaba e Itajubá. Considerado pioneiro na introdução do trabalho livre em suas propriedades. Além disso, promoveu o estabelecimento de várias colônias agrícolas para imigrantes, como a de Canas (Lorena), Quiririm (Taubaté) e Sabaúna (Mogi das Cruzes).

Em 1881 adquiriu grande extensão de terras na Serra da Mantiqueira, no atual município de Delfim Moreira, onde estabeleceu a fazenda de São Francisco dos Campos, considerada uma fazenda modelo. Como um dos fundadores do Engenho Central de Lorena, foi agraciado pelo Imperador



D. Pedro II com a Comenda da Imperial Ordem da Rosa, a 7 de maio de 1887, data em que foi agraciado com o título de Barão da Bocaina.

Como presidente da Câmara Municipal de Lorena, dotou a cidade de uma linha de bondes, plantou as palmeiras imperiais, fez construir o cemitério municipal e uma ponte de ferro sobre o Ribeirão Taboão.

A esposa do Barão, em segundas núpcias, Dona Rosa Bueno Lopes de Oliveira, intitulada Baronesa da Bocaina, foi a última personalidade feminina agraciada no Império.

Tendo mudado residência para São Paulo, o Barão da Bocaina foi um dos fundadores e diretores do Banco Comercial de São Paulo e da Cia. de Melhoramentos de São Paulo e participou da instalação de outras grandes empresas. Foi, ainda, membro da Comissão Executiva da nova catedral de São Paulo e Diretor dos Correios e Telégrafos. Com a proclamação da República afastou-se da vida pública e foi excursionar pela Europa. De lá trouxe novas ideias e projetos progressistas, e entre eles a introdução da correspondência expressa no Brasil. Em São Francisco dos Campos do Jordão fundou a primeira estância climática e um sanatório para tuberculosos e introduziu o conceito de frutas de origem europeia.

Para Piquete, a principal referência é a de que o Barão doou as terras para a instalação da Fábrica de Pólvora e para a construção de um Sanatório Militar em Lavrinhas. Esteve também envolvido na construção do Ramal Férreo Lorena-Benfica, na área de Piquete e nas bases montanhosas da Serra da Mantiqueira. Ramal que não se completou

pelos planos iniciais.

Além de interessado na localização de população nas áreas de colônias e nas propriedades rurais, incentivava a atividade educacional através da instalação de uma Escola Agrícola cujo nome homenageia o Cel. José Vicente de Azevedo. Eram tempos de investimentos agrícolas, principalmente para meninos pobres, num conceito pelo qual a elite classificava e separava a população. Colégios para essa elite também eram liderados pela obra do Barão. Os titulares nobiliarquizados do Império eram figuras de proa nos investimentos sociais, e por estes, recebiam citações consagradoras como condutores de desenvolvimento, membros de família ilustre, lustro da “mais alta estirpe moral e intelectual” para a “merecida situação de preponderância da cidade que os referenciava em destaque frente às suas irmãs”. Monarquista, José Luiz Pasin se orgulhava por não deixar de fazer os devidos registros das citações tornadas memorialísticas.

As fardas da Guarda Nacional engalanavam seus possuidores, que as exibiam em festas e reuniões grandiosas, como sociedades de Corte, às quais Lorena orgulhosamente se referenciava por possuir em sua sociedade portadores de altas patentes. No Vale do Paraíba, essa tradição manteve-se em Lorena, por exemplo, ao sediar a instalação de unidades do Exército Nacional. Em Piquete, particularmente, a presença de altas patentes do Exército na Fábrica de Pólvoras valorizava sempre essa referência. Mas o Barão também é citado pelo empenho nas atividades industriais, que, com homens livres, imigrantes europeus e os capitais gerados pela cafeicultura passaram a ser pontuados como sinais de progresso para um novo tempo – o republicano.

Por isso, interessava-lhe o planejamento urbano, já que a indústria induz à concentração de mão de obra e ao urbanismo. Daí o interesse na edificação de casas, escolas, capelas, instalação de estradas, hospedarias e agência para os Correios, e nisso, o Barão era seguidor do Cel. José Vicente de Azevedo. Ou seja, ambos vistos como progressistas.

Aos historiadores modernos importa reconhecer a complexidade e as contradições contidas na passagem do período monárquico para o republicano, pela manutenção do sistema hierarquizado de classes e do processo escravista como força de trabalho.

Dóli de Castro Ferreira

O que é escravidão?

Novembro é o mês no qual se comemora o que se convencionou chamar “consciência negra” numa homenagem ao cultuado Zumbi dos Palmares e suas ações mitologizadas da defesa dos quilombolas – escravos fugidos das propriedades senhoriais e rebelados contra os maus tratos, para se autonomizarem como seres humanos com direito à vida e à liberdade.

Ciência humana que é, a História procura definir a escravidão que, como os grandes fenômenos da humanidade, tem seus mitos, e é por eles alimentada.

Mas, qual é a natureza e a origem da escravidão? E como tal, travestida em várias formas é praticada até hoje?

Atribuições têm sido dadas para se tentar explicar porque seres humanos se organizam como escravo / senhor para caracterizarem uma sociedade que se organiza sobre um território e nele se dedica a uma atividade produtiva. Há quem afirme ser a escravidão uma forma de “abrandamento do canibalismo”. Segundo essa atribuição, os canibais decidiram num determinado momento histórico manter alguns prisioneiros a seu serviço ao invés de devorá-los. Foi daí que, supostamente, surgiram os primeiros escravos. Quem adota essa hipótese é o historiador francês Olivier Pétré-Grenouilleau, em livro denominado “A história da Escravidão”, Boitempo Editorial, em tradução data-da de 2009.

Investigando a origem e o sentido do fenômeno social, o autor debruçou-se sobre o “Grand dictionnaire du XIXe siècle (1886 – 1879)”, (Grande Dicionário do século 19), de Pierre Larousse, para definir que “servo e senhor prestavam serviço um ao outro”.

O que induziu à análise das múltiplas formas de exploração dos homens e mulheres por outros dotados de capacidade de articulação de um elo que relaciona o sentido da existência do escravo porque existe um senhor, que escraviza o outro, submetido à sua ingerência, a qual pode ser lida como força para ser legitimada. Um princípio de dependência gerado pelas vitórias

versus derrotas em lutas que a humanidade tem travado desde as origens da organização das sociedades. Houve escravagistas



que argumentaram ser o ato da escravidão como “universal, natural, tradicional e progressista”. Leiam-se obras de grandes figuras do Império no Brasil. E manifestações do próprio Imperador Pedro II, reconhecido documentalmente contrário ao escravismo, mas justificado pela organização social e econômica na qual o país se constituía. Afinal, os grandes produtores alegavam a necessidade da mão de obra numa fase agroexportadora e latifundiária na formação de grandes capitais.

É o que os estudiosos marxistas definem como modo de produção, levando a entender o escravismo como uma forma de dependência humana definida como econômica e impositiva. Entretanto, dado como não “tão produtivo” quanto se imaginava, o escravo deveria ser substituído pelo assalariado livre que, no Brasil, gerou formas de exploração relativamente aos colonos inicialmente instalados. Forma contraditória como de natureza escravagista, sob a argumentação da falta de cumprimento às promessas divulgadas na Europa pelos arregimentadores. Documentos recentemente analisados enriquecem essas denúncias.

Para os que se dedicam à pesquisa sobre as origens da escravidão, fica claro que esta não foi apenas negra e africana, o que parece ser para muitos no Brasil. A propósito, aos brasileiros sempre parece ser o escravo associado ao negro. Entretanto, desde Aristóteles se discute a questão do es-

cravo tendo-se em vista outras áreas do globo. Trata-se de estudos reconhecidos das mais antigas manifestações escravagistas

na Antiguidade, causadas pela imposição da força guerreira de um povo sobre o outro na disputa de terras e ocupação de espaço. As narrativas bíblicas, lidas e ouvidas nas leituras religiosas, e nem sempre bem entendidas, relatam muitos casos de escravidão. Entre essas, no Livro do Gênesis 9, a “maldição de Cam”, filho mais novo de Noé, e por este amaldiçoado por ter chamado a atenção dos irmãos para o pai nu e em esta-

do de embriaguez. Pelo que Noé, ao amaldiçoá-lo, teria dito: “Maldito seja Canaã! Que seja para seus irmãos o escravo dos escravos!” Assim, o filho deveria ser punido pelo erro do pai, como é comum acontecer nos relatos do Antigo Testamento. A atribuição de negro para a descendência de Cam acabou sendo tradicionalmente usada para legitimar a escravidão entre negros africanos. Eles, entre si, em guerras de dominação praticavam a escravidão e forneciam os subjugados presos aos grandes comerciantes de escravos, traficantes de humanos.

Estes, que, por motivações variadas, mas injustificáveis, ainda não desapareceram das notícias. Nos dias atuais, fala-se de tráfico de crianças e de mulheres, tráfico esse dramatizado pelos depoimentos sobre exploração não só econômica mas também social. O injustificável permeia as ações humanas, enquanto as justificativas se sucedem para ordenar sistemas legais que, apelando para os costumes e a tradição, manipulam as leis a serviço dos interesses, sejam eles de que natureza forem. Pensar, hoje, nas razões do escravismo e suas origens nos conduz à consciência do fenômeno.

E como tal, num momento em que se discute o injustificado processo de aprisionamento de animais atributivamente submetidos a maus tratos, ainda que alegados motivos de pesquisas científicas.

Dóli de Castro Ferreira

"A literatura de outras eras não pode suprir a literatura dos nossos dias. Cada geração quer exprimir o seu próprio pensamento, e nunca duas épocas diversas, nem sequer duas gerações sucessivas, tiveram os mesmos ângulos intelectuais de visão."

Joaquim Nabuco

Crônicas Pitorescas

Os feios

As pessoas normais nascem, crescem e, salvo algum acidente, morrem tendo na cabeça cabelos (que podem ser temporários), testa, dois olhos e bochechas nos lados da face (passíveis de covinhas), um nariz, uma boca, queixo (liso, com furinho ou uma reentrância) e duas orelhas... Excluindo gêmeos idênticos, se colocarmos cem mil ou quantas pessoas quisermos lado a lado e processarmos a um exame minucioso, verificaremos que não existe sequer uma xerox da outra. Nem japonês! Como já disse em outra crônica, isso representa o máximo da criatividade na transa dos genes. Ou de Deus, se quiserem...

Agora... Existem algumas, sem escolha de sexo, que exageram em ser malparecidas. Têm as mesmas coisas, colocadas nos mesmos lugares, mas deixam na gente a impressão de que aqueles poucos atributos estão mal distribuídos...

Contaram-me más línguas que a Serafa era uma moça tão feia, mas tão feia, que na cidade diziam ser ela a estrela principal de todos os pesadelos dos habitantes dali. Chocava na solteirice. Sua mãe a fazer todos os tipos de rezas, simpatias, despachos e promessas para encontrar um pretendente para a filha – em vão. Fé de extremos e nenhum cheiro! Apelou para Santo Antônio numa promessa que chegou ao cúmulo do absurdo, com compromisso sacramentado de execução se conseguisse casar a Serafa. O caso já passara a ser de amargor materno por ter gerado semelhante “coisa”. Os anos correram e a Serafa envelheceu na feiúra, como em compota não aberta. Zerinho e na curiosidade... A promessa da velha era de fazer a filhota entrar na igreja em traje de noiva levando ao braço um buquê confeccionado apenas com... vitórias-régias! Ou o casamenteiro não creu nessa possibilidade ou concluiu que arranjar um noivo era pra Serafa milagre demais mesmo para um santo.

Mas a desgraçabilidade também atinge gente famosa: existem feios simpáticos como o Charles Bronson, Bete Davis, Espiridião Amim... Mas quem teria peito de investir num filme em que o galã fosse o Marcos Maciel?! Mesmo o bom Ulisses, o Guimaraes, ou o Ferreira Goulart?! Talvez nem pra filme do Zé do Caixão! Mas existe um furo

histórico provocado pela feiúra de seu herói que considero um barato pela esportiva do cara.

Philopêmen, nascido lá pelos idíssimos de 253 a.C., chefe da Liga Acaica, que foi o último na Grécia a receber o título de valoroso e, por isso, cognominado o “último dos gregos”. O Philo – amigo – tentou manter a unidade da Grécia ante o progresso ameaçador de Roma. Entretanto, não era tão famoso com guerreiro como o era pela sua feiúra. Além do rosto de feições nada agradáveis, ainda por cima tinha o corpo comprido e mal proporcionado. Contrastando com o desengonçamento geral, era muito afável, com muita urbanidade.

Certa vez, na cidade de Megara, um conceituado cavalheiro o convidou a almoçar em sua casa. Como estava só ao fazer o convite, sua esposa não ficou conhecendo o ilustre convidado. No dia marcado, Philopêmen chegou antes da hora marcada, não encontrando o anfitrião. A mulher, ao atender o visitante, dando de cara com “aquilo”, julgou tratar-se de algum criado do convidado e perguntou-lhe se seu amo demoraria a chegar. O “criado” respondeu que o mesmo já se encontrava dentro da propriedade.

Angustiado ante a resposta, a mulher mandou apressar as iguarias. Como havia pouca lenha perto do fogão, recorreu ao “criado” para que a ajudasse rachando algumas toras. E ele mandou brasa machadando a madeira. Quando fazia o serviço, muito compenetrado, o anfitrião chegou e, vendo-o naquele exercício, espantado perguntou-lhe o que fazia.

– Estou pagando a pena do meu ruim focinho...

Um aparte aos interessados: Philopêmen veio a falecer prisioneiro dos Messênios em 183 a.C.

Nenhum feio ou feia, porém, deve se desesperar nem dar bola para esses detalhes. Cedo ou tarde aparece um para formar par... Dizem até que “há sempre um chinelo velho prum pé doente”. Dentro do contexto atual, expressou-se irreverentemente um jovem sobre o assunto: “Gosto é como **censurado**... Cada um tem o seu próprio”. Se isto não resolve, pelo menos alivia. Alivia?!

Palmyro Masiero

O valor da nossa fauna

Edival da Silva Castro

Nossa fauna é tão rica, que se encontra estampada em nossa economia. Nossa economia é tão pobre que não se encontra à altura de nossa fauna. Nosso papel-moeda:

Um real – o beija-flor alimenta-se do néctar das flores colhido por sucção por meio de sua língua prostrátil.

Dois reais – em consequência de muitos anos de captura indiscriminada, todas as espécies de tartarugas marinhas se encontram ameaçadas de extinção.

Cinco reais – a garça vive, em geral, perto d’água e alimenta-se de peixes, anfíbios, moluscos, vermes e insetos. Captura as presas vadeando lentamente ou assumindo atitudes estáticas antes de dar bicadas repentinas.

Dez reais – caracterizada pelo grande tamanho, forte bico curvo e vistoso colorido da plumagem, a arara inclui-se entre as mais belas aves das matas latino-americanas.

Vinte reais – o mico-leão dourado, de pelo amarelo-ouro e ampla juba, é conhecido pela constante ameaça de extinção. Também chamado de sagui-de-fogo.

Cinquenta reais – onça pintada, típica habitante das selvas e dos pantanais. Tem hábito noturno e intensifica sua atividade em especial nas noites de lua cheia.

Cem reais – de sabor excelente, a garoupa habita águas litorâneas, perto de pedras, lajes, ilhas, baixios e recifes. A garoupa verdadeira, de coloração chocolate com manchas verdes esparsas, tem uma risca negra atrás dos maxilares e nadadeiras escuras debruadas de branco.

Os animais estampados nas cédulas não condizem com os valores das mesmas, eles são superiores.

Todos nós precisamos deles, eles ainda mais do que nós, pra que possam continuar nos seus respectivos habitats.

IBAMA?

Deus seja louvado!



Acesse na internet, leia e divulgue o informativo

“O ESTAFETA”

www.issuu.com/oestafeta

Mesmo que as pessoas mudem e suas vidas se reorganizem, os amigos devem ser amigos para sempre, mesmo que não tenham nada em comum senão compartilhar as mesmas recordações.

Vinicius de Moraes

Foto Arlete Monteiro



Foto Arlete Monteiro



Foto Laurentino Gonçalves Dias Jr.



Piquete sedia treinamento do Exército Brasileiro

Piquete recebeu por quase duas semanas, neste mês de novembro, o Destacamento Mantiqueira, um grupo de cerca de 180 homens do Exército Brasileiro. Comandado pelo capitão Marcio Jorge, o Destacamento participava de um Curso de Forças Especiais – Adestramento de Tropas, que faz parte do programa do Centro de Instrução de Operações Especiais.

De acordo com os capitães Márcio Jorge e Guttoski Lemos, Piquete foi escolhido em função de uma série de variáveis, mas, principalmente, em função das características populacional e geográfica, ideais para as atividades previstas, e pela receptividade mostrada no primeiro contato travado com a Prefeitura Municipal.

Acampados no recinto de Festas Miguel Purcino Ferreira, a tropa desenvolveu uma série de atividades no município. Destaca-

ram-se as Ações Cívico-Sociais (ACISO), que levaram médicos, dentistas e enfermeiros para diversos bairros urbanos e rurais do município. Também foram importantes os “checkpoints”, posições taticamente escolhidas, nas quais ficaram posicionados soldados que reforçavam a interação com a população, ao mesmo tempo em que guarneciam o local. Foram realizadas, ainda, palestras em escolas sobre o papel do Exército, formas de ingresso, a importância das Forças Armadas para o país, entre outros assuntos relacionados com o treinamento.

Piquete tem sua história estritamente ligada ao Exército Brasileiro em função da Fábrica Presidente Vargas. Não obstante sua função primordial de defender a soberania nacional, o Exército é sinônimo de atendimento social e segurança eficientes e de qualidade. Nesse período em que sediou tão

significativa missão, Piquete recebeu os militares com especial atenção. Beneficiados pela tranquilidade que proporciona a presença de tropas amigas e solidárias, os piquetenses se sentiram privilegiados e confortados com as ações desenvolvidas. No sábado, 23/11, especialmente uma ação concentrou diversas atividades na Praça Duque de Caxias, que, sob chuva, ainda assim recebeu público significativo. No domingo, uma confraternização especial: partida de futebol entre as “seleções” do Exército e de Piquete. Venceu Piquete...

Os momentos de Piquete “sitiada” foram muito gratificantes para o município. Que o Exército tenha obtido os resultados esperados. Que Piquete mereça a honra de recebê-lo novamente em oportunidades futuras.

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Avaliando a Avaliação

Cenário 1 – “O Prof. Fulano é um carasco: me reprovou por dois décimos”.

Cenário 2 – “Com a tal aprovação automática, ou progressão continuada, a minha filha já está na quarta série e ainda não sabe ler”.

A avaliação que prescreve nota mínima, como se observa no Cenário 1, não é adequada ao Ensino Fundamental. Dá bons resultados em provas de seleção.

A progressão continuada, Cenário 2, é a ideal desde que aplicada corretamente.

Aos quatro anos, a criança deve encerrar o período de creche.

No ano seguinte, deverá ser matriculada no Ensino Fundamental.

Cada nível de escolaridade corresponde a uma série ou a um ano letivo.

Para facilitar a compreensão, cada nível vai corresponder à idade das crianças.

Nos dois primeiros – Nível 5 e Nível 6 – os alunos vão ser preparados para se submeter ao currículo do Ensino Fundamental.

É o momento do exame médico e biométrico.

Os pais serão avisados de limitações de audição, de visão, de estatura. Verminoses, anemias, defeitos posturais não poderão passar despercebidos.

É nestes níveis que o aluno vai acordar para o conhecimento sistematizado.

O passo mais importante é o enriquecimento do vocabulário. Declamação, canto

coral, teatro, folguedos tradicionais e jogos de computador vão abrir o universo inesgotável das palavras.

A noção de enredo não pode ficar relegada a segundo plano. A contação de histórias e a caracterização dos personagens vão fornecer preciosos dividendos.

O ritmo embala a alma da criança. A bandinha com instrumentos simples de percussão é sempre bem-vinda.

O desenho, a pintura e as pequenas esculturas com massinhas coloridas despertarão para os tamanhos e as formas.

Nas feirinhas-livres, organizadas pelas próprias crianças, será desenvolvida a noção de valor com o uso de fichas coloridas em que aparecerão os animais das cédulas brasileiras e as pessoas ilustres de nossas moedas.

Além do professor, nos Níveis 5 e 6, terá presença decisiva o arte-educador.

O Nível 7 vai ser o divisor de águas da avaliação: chegou o momento da leitura e da escrita.

Daqui para a frente, todos os níveis serão divididos em fases ou módulos decididos em cuidadosos encontros pedagógicos.

E serão designados os dois profissionais responsáveis pelo bom resultado dos trabalhos: o professor e o assistente de classe.

O assistente de classe, pedagogo ou psicopedagogo se encarregará de mensurar

a aprendizagem.

Este profissional acompanhará todas as avaliações orais e escritas do Nível que lhe for confiado. Assinalará a atuação do professor e de cada aluno.

O número de assistentes de classe dependerá do número de classes de cada Nível.

O assistente de classe, pelo resultado da avaliação, vai determinar se o professor vai repetir o módulo ou se apenas alguns alunos vão ser submetidos a reforço.

Na Progressão Continuada, não se pode admitir que uma unidade de noções deixe de ser assimilada por um aluno.

Não haverá reprovação, porque o atendimento ao aluno fará com que ele chegue ao nível seguinte com todas as noções interiorizadas.

Quando imperava o sistema de avaliação revelado no Cenário 1, os professores responsáveis perguntavam:

“Você entregaria a saúde de sua família a um médico aprovado com nota 5”?

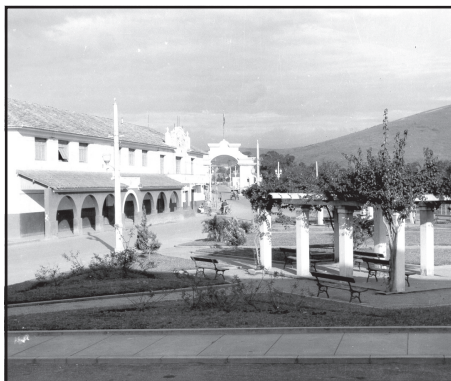
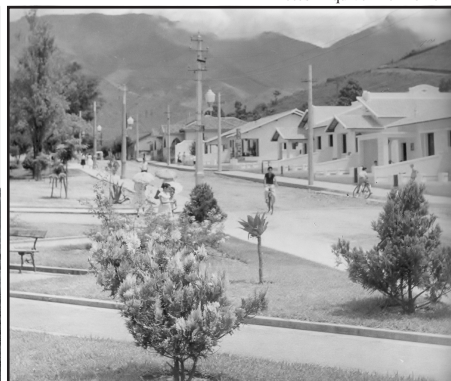
“Quanto tempo permanecerá em pé uma obra construída sob a responsabilidade de um engenheiro aprovado com a nota 5,2”?

No Sistema de Progressão Continuada, todos têm de saber tudo.

E pasmem os senhores!

No Ensino Fundamental, isto não é apenas desejável. Pode virar realidade.

Abigayl Lea da Silva



A necessária revitalização urbana da Cidade Paisagem

Um grande desafio a ser enfrentado pela administração municipal de Piquete é o de promover uma intervenção planejada sobre os espaços urbano e natural do município. Parece um sonho que isso ocorra. Mas é preciso ser feito. Para isso são necessárias ousadia, muita coragem, determinação e vontade não apenas da administração pública, como de todos os moradores, para que a Cidade Paisagem possa ser realmente merecedora desse título.

Todos que conheceram Piquete até algumas décadas atrás guardam em suas memórias afetivas referências das paisagens que lhes são caras: praças, clubes hospital, cinemas, estações ferroviárias, igrejas...

Historicamente, a expansão da malha urbana de Piquete se deu a partir do início das obras de construção da fábrica de pólvora e a chegada de muitas famílias operárias. Políticas sociais subsequentes levaram à edificação de inúmeras obras que se tornaram marcos na paisagem urbana.

Com o passar do tempo, houve uma deterioração desses monumentos. Alguns foram descaracterizados, outros abandonados à própria sorte, de maneira que a cidade perdeu áreas de importância histórica, com a redução de espaços de convivência pública e, também, a destruição da paisagem natural.

Ao longo dos anos, com a expansão da malha urbana, os ribeirões Benfica e Piquete foram sendo assoreados. O desmatamento nas regiões de nascentes concorreu para a redução do volume d'água. Aliado a isso, o esgoto doméstico lançado in natura em suas águas levou a uma situação crítica. A recuperação imediata dos cursos d'água e a revegetação das encostas faz-se necessária para a melhoria da qualidade de vida da população. A cidade ganharia muito com esses investimentos.

A pouca valorização do patrimônio histórico e paisagístico não é prerrogativa de Piquete. Muitas cidades atropelam sua his-

tória e destroem seus espaços de memória.

Atentas a essas questões, políticas públicas recentes buscam revalorizar o patrimônio histórico ambiental, bem como a adoção de medidas para recuperação do espaço urbanizado. Surge, daí, o conceito de revitalização urbana, pautado pela integração de parceiros públicos e privados a fim de garantir recursos para intervenções urbanísticas ou arquitetônicas em áreas degradadas. Recentemente somou-se a essa ideia a necessidade de se organizar processos sustentáveis nas áreas revitalizadas. Embora as experiências de revitalização estejam se disseminando pelo Brasil, observa-se que elas acontecem em maior escala nas grandes cidades. Mais recentemente, pequenos municípios, com os olhos voltados para o futuro e para o seu potencial turístico, têm buscado revitalizar áreas degradadas reafirmando a importância do convívio entre o passado e o presente, entre o urbano e o natural.

Pensamos na morte e compreendemos a vida

No início do mês de novembro realizamos, em toda a Igreja, duas celebrações muito significativas na tradição cristã: o “Dia de Todos os Santos” e a “Comemoração dos Fiéis Defuntos”. O filósofo alemão Martin Heidegger observa que só leva uma vida autêntica aquele que a assume como própria, que a conduz, forja e constrói de acordo com as próprias possibilidades. Ninguém pode excluir a realidade de que, entre as possibilidades humanas, a última é a morte. Vivem autenticamente os que não deixam de experimentar a possibilidade que nos acompanha em todo o existir – a de cessar de existir. A morte pertence à estrutura fundamental do homem. Não é uma possibilidade distante, mas constantemente presente. O existir se dá sempre nesta possibilidade. O homem começa a existir e já está atirado nela. A angústia que muitas vezes nos toma, sem que dela possamos nos esquivar, é que nos faz adquirir consciência de nossa sujeição à morte e nos permite sair da decadência de um existir iludido, de mortais vivendo como divindades eternas e onipotentes, para um viver autêntico, precário, finito, muitas vezes experimentado como inútil, mas autêntico.

Nessa experiência de precariedade, e somente nela, se abre ao homem, também como possibilidade, a transcendência. O ser humano possui um desejo subversivo de romper os interditos, de ultrapassar os limites que lhe são impostos, ele não se contenta com a precariedade de sua própria existência. As religiões brotam desse impulso humano de não se deixar conter, desse afã de não se resignar ao estabelecido. Os caminhos espirituais autênticos possuem como base e raízes mais profundas a consciência da fugacidade e da finitude do existir humano e sua condição de fragilidade, são sempre maneiras de lidar com as diversas manifestações dessa possibilidade de não mais existir.

O livro de Jó é uma belíssima reflexão sobre como a consciência da miséria e da inutilidade do existir humano pode nos ajudar a intuir a transcendência e o sagrado como um grande mistério a nos esperar. Jó, homem justo, vê-se imerso na desgraça, busca investigar a causa de sua desventura e nada conclui. Apenas quando se esgotam todas as argumentações e é tomado pela consciência de sua completa contingência é que pode intuir a grandeza de Deus. A certeza da finitude faz o homem abrir-se ao mis-

tério que o transcende. No final do livro, Jó compara o saber que tinha aprendido sobre Deus com o conhecimento a que a experiência da precariedade do existir humano o tinha conduzido. Na mais completa ruína, diz Jó a Deus: “Bem sei eu que tudo podes, e nenhum dos teus pensamentos podem ser impedidos. Quem é aquele, dizes tu, que sem conhecimento julga meus planos? Por isso reconheço que falei do que não entendia; coisas que para mim eram certas, mas na verdade não as compreendia. Com o ouvir dos meus ouvidos ouvi sobre ti, mas agora te vejo meus olhos. Por isso me abomino e me arrependo no pó e na cinza”. (Jó 42, 2-6)

As celebrações às quais me referi no início têm a força de nos colocar em contato com a morte como algo constituinte da vida. Permitem-nos, assim, vislumbrar a vida para além da morte. Esses ritos encontram sentido e fundamento na fé cristã, na ressurreição de Jesus, que, como afirma o Apóstolo Paulo em suas cartas, é o primeiro dentre muitos irmãos a passar da morte à vida. Celebramos a morte e compreendemos a vida.

Pe. Fabrício Beckmann